

Quando eu me casei, foi de noiva. Vêu, grinalda, tudo, sabe?, que era meu sonho. Eu me casei e a gente se mudou pro Uruguai logo em seguida, para Montevideú, porque ele era de lá. E eu toda animada, vida nova, morar no exterior. Deixei minha família e fui viver minha vida, minha vidinha de casada. Foi aí que, com os meses de casamento, pouca coisa, acho que já no segundo mês, ele mudou. Me controlava, queria ir comigo para todo lugar. Mas olha como é isso, isso de isolar a gente, de deixar a gente sem apoio, vulnerável. Eu não tinha amigo nenhum lá, eu só me relacionava com a família dele. Aí eu achava normal sair só a gente, nós dois só. Um tempo depois eu lembro que eu me inscrevi num curso de fotografia. Pra quê? A vida virou um inferno. Ele ia me buscar no curso todo dia. Me via falando com alguém, reclamava. Eu fui contornando, como dava. Eu gostava do curso. Cheguei até a arrumar um trabalho freelancer: fotografei para uma revista de turismo.

Mas era isso também: da casa para o trabalho, do trabalho para a casa e só. Quando começaram as violências verbais, eu acho que eu nem sabia o que era violência ainda. Eu achava que era uma briga normal. Ele me ofendia, me xingava, daí eu revidava, virava uma gritaria horrível. Pra mim, como aquilo era, sei lá, era vida, que era assim mesmo, eu fiquei grávida. Eu fiquei grávida. Meu Deus. Desculpa, é difícil falar sobre isso.

Um dia, em casa, a gente teve uma briga horrível e ele tentou me estrangular. Eu fiquei sem chão e eu não contei pra ninguém. Pra minha família, a gente se falava por telefone de vez em quando. Eu só dizia que minha vida estava ótima. Tudo lindo, na paz. Paz. Pois é, paz passou, foi longe. Depois desse... do estrangulamento, do quase estrangulamento, sei lá, eu acordei um dia e eu vi que eu estava sangrando. Ele estava trabalhando e eu fui pro hospital, fui sozinha. Aí fizeram vários exames e tal que tinham que fazer e me disseram, olha, você teve um aborto espontâneo. Eu... eu não vou mentir pra você, não. Naquele momento, pra ser bem sincera, eu dei e foi graças a Deus. Eu não podia ter um filho com aquele cara. Como eu ia ter um filho com esse homem que quase tentou me matar? Eu perdi o bebê porque ele quase me matou. Nossa, eu odeio...

Bom, eu sei que naquele dia, eu lembro que eu estava deitada, assim, na cama do hospital, sem ninguém, depois de ter perdido meu filho. E me deu um estalo: eu vou voltar pro Brasil. Eu só tinha que entender como. Aí eu voltei pra casa sangrando muito ainda. Eu sangrei uns 15 dias direto. Eu fui pensando, calculando o momento certo de ir embora.

E, nesse meio tempo, eu ia fingindo normalidade como dava. Quando ele veio se dizendo arrependido e foi tentando se reaproximar, eu tive que segurar a onda. Porque é assim, né? Eu fiz um teste uma vez, muito tempo depois, sobre relacionamentos abusivos. Um teste de internet. E eu dava check em tudo. Tudo. Mas eu acho que eu só fui entender que eu vivi um relacionamento abusivo, uma violência de gênero, muito, mas muito tempo depois. Foi esse teste que me ajudou a entender o que eu tinha vivido. Sabe, eu voltei para o Brasil no primeiro voo que eu encontrei.

Isso no dia que eu fugi. Depois que ele saiu pro trabalho, eu arrumei minha mala e fui embora. Eu corri pro aeroporto. E eu não denunciei. Mas também nunca mais eu ouvi falar dele. Não tenho nenhum contato. Nenhum. Também não tenho medo dele, não. Acabou, acabou. Ele não vai vir atrás de mim. Ele nunca veio.

Mas não é que de cara, depois de fugir, eu me sentisse segura. Eu só me sentia em segurança em casa. Na casa dos meus pais. Porque eu tive que voltar, né? A morar com os meus pais, meu irmão. Refazer a vida. Que complicado. Eu demorei muito pra me refazer. Pra me reencontrar, pra me relacionar de novo. Agora eu tô de boa. Mas no primeiro sinal, qualquer sinal, um sinalzinho que seja que o cara tá indo por esse caminho. Eu dou tchau. Na hora. Não pago mais pra ver. Não mesmo.

Vou ficar me iludindo? Ah, ele vai mudar. Ah, mas ele no fundo é um homem bom. Não vai mudar nada. Entende? Isso é uma coisa estrutural. Machista. Eu confundi muito querer fazer meu casamento dar certo com esse discurso de que tem que ser submissa. De que tem que aceitar pra além do limite. Tem uma enorme diferença. Hoje eu sei. Hoje eu sei me respeitar. E eu exijo o respeito.

Ah, o relacionamento que eu tô hoje? O relacionamento que eu tô hoje é muito bacana. Bem legal. Me refiz, né? Ai, me sinto livre hoje. Eu tenho um equilíbrio na vida. Eu trabalho, eu tenho momentos de lazer. Eu saio sozinha com as minhas amigas. O meu namorado sai sozinho com os amigos dele. A gente sai junto. Sem grilo, sem ciúme. É uma coisa de companheirismo. E olha que legal: é possível.

Não tô dizendo que foi fácil chegar nesse ponto, mas começou por mim. Muita terapia. Muita. Muito retiro de autoconhecimento, de meditação. Eu realmente mudei a minha vida, a minha mente e o meu comportamento. Casar eu não sonho mais, não. Namorar já tá ótimo. Cada um na sua casa. Ah, não sei. Eu preciso do meu espaço, da minha liberdade, do meu silêncio também. Das minhas coisas, da minha casa organizada, do meu gato. Meu gato é o único macho que mora comigo.

**VANESSA**



*Sobreviventes*